

## SELETA

## DESACORDO COM TOBIAS BARRETO

Sílvio Romero

Filhos ambos de Sergipe, não nos conhecemos ali. Só em Pernambuco, em fevereiro de 1868, é que vi aquele patricio pela primeira vez. Coursava ele o quarto ano da Faculdade de Direito; eu ia do Rio de Janeiro, com os preparatórios feitos, para matricular-me naquele curso. Tobias foi, portanto, meu contemporâneo nos estudos acadêmicos. Nunca foi meu professor.

Quando o conheci, suas ocupações espirituais diletas eram a poesia e a filosofia. Naquela tinha sido o inaugurador do lirismo condoreiro a datar de 1862, e ainda era um eterno recitador de versos nos teatros, nas festas patrióticas e nos salões. Este prurido acabou quase completamente em fins de 1870. Na filosofia, que sempre o preocupou de modo especial e característico, já ele havia feito em 1867 o célebre concurso em que aniquilara o afamado tomista pernambucano Dr. José Soariano de Souza. De 1868 datam as suas primeiras publicações nessa matéria. Cournot, Taine e Vacherot já lhe eram familiares. Em fins daquele ano travou conhecimento com o positivismo diretamente pelo **Cours de Philosophie Positive**, de Comte. Stuart Mill e Littré vieram mais tarde e não foram nunca muito apreciados. Em tal assunto o meu amigo preferia diretamente o chefe da escola. O velho espiritualismo francês já estava posto de lado. Ainda também não havia o conhecimento de Darwin, de Haeckel, de Hartmann, de Noiré, do monismo e do transformismo em suma. Tudo isto veio depois, a datar de 1871.

Nessas condições é que encontrei o poeta. Eu levava do Rio de Janeiro bons estudos de preparatórios, feitos em 1863 a fins de 1867, o amor dos livros, a ânsia de saber. Atirei-me à leitura de etnografia, lingüística, antropologia, crítica literária e filosófica. As predileções eram, pois, diferentes, as leituras diversas pela diversidade ingênita dos dois espíritos. Em nossas longas conversações comunicávamos mutuamente as nossas impressões, as nossas idéias, os nossos planos de trabalho. Por ser ele um tanto mais velho, mais adiantado no curso acadêmico, já imensamente popular em Pernambuco, e, sobretudo, por conhecer-lhe o vigor e a força da inteligência, acostumei-me, eu que chegava simples calouro, a ter-lhe atenções de verdadeiro respeito. Mas nunca lhe sacrifiquei minhas idéias, nem lhe subordinei o meu sentir, nem apaguei jamais diante dele as diferenças nativas do meu temperamento.

Outro tanto praticava-o ele, havendo sempre em nossas relações espirituais plena liberdade e decidida franqueza. Dando conta do meu livro publicado em 1878, **A Filosofia no Brasil**, depois de alguns elogios iniciais, escrevia Tobias: “Tudo isto, porém, não significa, não quer significar que eu me limite a formar um dueto, que eu acompanhe em todos os motivos, fazendo segunda voz, o pensamento de Sílvio Romero. Em mais de um ponto estamos separados, e como, numa ou tal comunhão de princípios, que entre nós existe, avulta o da mais lhana despreocupação pessoal, o da mais pura sinceridade recíproca, indicarei precisamente as razões do meu desacordo.”

Como quer que fossem diversas entre nós as índoles mentais, cada um foi fazendo a sua obra e a mais rápida observação é suficiente para notar facilmente as diferenças de estilo, de assuntos, de métodos, de doutrinas. É assim que, em poesia, Tobias não passou do lirismo condoreiro e eu combati desde 1869 esse hugonismo e iniciei a nova intuição da poesia transfigurada pela filosofia de nossos dias; que, em crítica literária, ele fugia dos assuntos brasileiros e do brasileiroismo, e eu os procurava sempre de preferência; que, em filosofia, não admitia a psicologia e a sociologia como ciências e eu lhes reconheço esse caráter; é assim que jamais pude admitir e explicar o desdenhoso modo de tratar Herbert Spencer. Não é tudo: há especialmente dois assuntos em que o meu modo de sentir e de pensar foi sempre completamente oposto ao seu: a poesia popular e a etnografia. Sabe-se que uma das bases da minha crítica aplicada à literatura, à história e em geral à vida espiritual brasileira, foi a apreciação etnográfica das raças que constituíram o nosso povo. Sabe-se mais que uma das primeiras aplicações desse modo de pensar foi justamente o estudo, a pesquisa da poesia, dos contos, das tradições populares, do folclore, em suma. Pois bem: Tobias Barreto não achava isto e tivemos intermináveis discussões a esse respeito. Não conseguiu modificar as minhas convicções neste assunto, nem alterar o sistema de meus trabalhos. A despeito do seu desacordo, coligi os **Cantos Populares do Brasil**, os **Contos Populares do Brasil** e escrevi os **Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira**.

Outro ponto digno de nota de nosso constante desacordo era o da adoção da forma republicana em nosso País. Espírito muito liberal, inimigo das vilezas e misérias perpetuadas da política brasileira, Tobias, todavia, não foi jamais um sectário da República. Não concordei nunca com o meu amigo neste modo de pensar e, ainda muito moço, desde 1869, alistei-me entre os republicanos.

Poderia, se fosse preciso, levar por diante estes pontos de desacordo. Não o farei, porque os indicados provam de sobejo a minha tese: a independência do meu modo de sentir e de pensar diante dos sentimentos e opiniões de Tobias Barreto em pontos e assuntos capitais.

Isto mesmo foi mais de uma vez por nós ambos proclamado para confusão de malévolos e intrigantes. O que nunca sofreu diminuição ou restrição de qualquer ordem foi a minha admiração pelo seu talento e a minha estima por sua pessoa. E ele bem as merecia, porquanto, de todos os homens que, na minha qualidade de crítico e propagandista, tive de elogiar e vulgarizar, foi, talvez, o único que me não pagou o serviço com traições que constituem a essência da alma dos ingratos.

( Prólogo aos **Estudos de Direito**, de Tobias Barreto. Rio de Janeiro, 1898. )

\*  
\*   \*  
\*